

Falta de dinheiro faz crescer a velha prática do escambo

SUZANE VELOSO

No Brasil, o hábito começou há quase 500 anos. Pouco interessados em moedas de ouro, o que os índios receberam mesmo foi uma bela coleção de espelhos e quinquilharias em troca do pau-brasil. Mas depois de alguns séculos de quase ostracismo, a prática do escambo está, mais do que nunca, em alta. Não que os "nativos" de hoje tenham pouco interesse por dinheiro. Muito pelo contrário. Só que, na falta dele, a troca ressuscitou em praticamente todas as operações comerciais. Na falta da moeda oficial, linha de telefone, carro, apartamento, lancha e até bois viraram moeda. Mesmo que os vendedores estipulem o valor do bem em dólar. O cruzeiro anda mesmo em baixa.

No troca-troca — que só é vantajoso, asseguram os praticantes, quando parte do negócio vem em dinheiro vivo — vale tudo. Com um carro, pode-se pensar em comprar um conjugado de 25 metros quadrados e com vista para o Corcovado, avaliado em US\$ 20 mil. Ou conseguir uma loja do mesmo tamanho. No lado oposto, quem não tiver US\$ 230 mil na mão, mas possuir dois apartamentos na Barra da Tijuca pode ficar com uma casa de quatro quartos no Itanhangá com piscina, sauna e terreno de 1.200 metros quadrados.

A troca de imóveis se tornou prática tão rotineira que uma grande corretora, a Júlio Bogorin, criou seu próprio banco de trocas, que inclui desde imóveis residenciais e lojas até instalações industriais.

Entre pessoas físicas, porém, o certo é que, para chegar ao desembaraço total da mercadoria que deu início ao processo, o vendedor muitas vezes tem que passar por meia dúzia de transações, sempre garantindo uma parte em dinheiro. E, nessa onda de trocas que invadiu os classificados dos jornais, não são apenas bens de alto valor como



apartamentos ou automóveis os únicos a abraçarem a bandeira do escambo. O dono de um terreno de 18 mil metros quadrados na Rodovia Washington Luís bem que preferia receber, em dinheiro vivo, os US\$ 250 mil que vale a propriedade. Mas não descarta trocas: abre mão do enorme bem imóvel por outro que se locomova, não importa se for carro, caminhão ou barco.

Navegando nas mesmas águas, o proprietário de uma escuna com quatro camarotes nem mesmo anunciou o preço que queria pela embarcação: de saída, informou aos interessados que aceitava embarcação menor, imóvel ou automóvel como pagamento. Já o dono de um trator aceita alguns bois em troca de seu MF-265 novo. Mas não conseguiu ser tão exótico quanto

seu vizinho nas páginas de anúncios, o dono de um jazigo no Jardim da Saudade, avaliado em Cr\$ 120 milhões: ele abre mão do lugar onde será enterrado para garantir, pelo menos, um imóvel para o uso dos vivos. E até por um carro fecha negócio. Em outro anúncio, um músico troca sua bateria importada, avaliada em US\$ 3.500, por um carro.

Cláudio Duarte